



Estudos sobre a organização e representação da informação em um contexto museológico

Josefa Xavier de Paula

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

<https://lattes.cnpq.br/4619177534302662>



Eva Cristina Leite da Silva

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na cidade de Campinas, São Paulo, Brasil.

Professora Associada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Ciências da Educação (CED), no Departamento de Ciência da Informação (CIN), junto ao curso de graduação em Arquivologia, e no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PGCIN), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5163191593965425>

Submetido em: 16/02/2021. **Aprovado em:** 06/11/2023. **Publicado em:** 21/06/2024.

RESUMO

O registro da informação na atualidade tem sido um dos maiores desafios, pois a massa informacional tem aumentado com o passar do tempo. Para utilizar esses registros de informação é necessário que esteja passível de recuperação. A necessidade de organizar a informação para posterior recuperação tem sido objeto de estudos, que tornam possíveis diálogos entre campos do saber que tem a informação como instrumento, a saber, a Museologia e Ciência da Informação. O presente trabalho apresenta um levantamento bibliográfico acerca de estudos da Organização da Informação (OI) e Representação da Informação (RI) em um contexto museológico, com o objetivo de aprofundar a compreensão desta temática tanto a OI quanto a RI nesses espaços. Para tanto, adotou como metodologia a Análise de Conteúdo de Bardin, desenvolveu-se na busca em um conjunto de Anais de Eventos e Bases de Dados que se constituem maiores indexadores de conteúdo científico acerca do tema deste trabalho. Tratar de um possível diálogo da Organização e Representação da Informação nos Museus, mostra a preocupação em explorar um assunto pouco expressivo nas bases de dados de eventos e pesquisas, se relacionado com outros temas mais recorrentes. O diálogo entre a OI e RI para o acesso à informação nas instituições museológicas facilitam tanto o acesso à informação do público que acessa esses locais, quanto para os profissionais que têm contato direto com a documentação museológica. E ainda, corrobora para o desenvolvimento de práticas dos profissionais que atuam no campo da Museologia, Ciência da Informação e afins, por meio da disseminação da informação.

Palavras-chave: ciência da informação; museologia; análise de conteúdo; Bardin.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores insumos da sociedade atual é a informação, pois é crescente a quantidade delas geradas todos os dias. Todavia, para que a informação seja utilizada é necessário que esteja passível de recuperação, portanto, registrada/fixada em um suporte material ou digital, organizada e disponível. Por outro lado, a informação não registrada pode ter objeção para sua socialização (acessibilidade) visto que o seu acesso é limitado às variáveis espaciais e temporais. Nesse contexto, Smith (2012, p. 85), entende que, “informação registrada equivale ao conceito de documento, embora o mesmo tenha sido investido de valores diferenciados ao longo do tempo”.

No que tange a informação registrada, para Bates (1987, p. 6), o domínio da Ciência da Informação, estuda a informação registrada que os “(...) seres humanos, produzem, procuram, utilizam, recuperam e utilizam”, o universo da Ciência da Informação é aquele referente ao “mundo da informação registrada, produzida pela ação humana”. Ainda segundo a autora, essa informação registrada pode estar em “livros, artigos, banco de dados, arquivos de dados, etc”.

Registrar a informação sob determinado suporte físico (documento) representa materializar a informação. Uma destas materializações está na formação de coleções dentro dos museus, as quais são determinadas pelos processos de entrada de objetos em seus acervos, como por exemplo a documentação de uma peça, desde o processo de registro até uma exposição. Quando se refere à museus que são centros de pesquisa, de forma geral, o desenvolvimento desses acervos têm vinculação direta com as pesquisas e área (s) de interesse da instituição. Todavia, independente das políticas de formação de acervos e, ou das estratégias de processamento, as unidades de informação contemporâneas, frente às conjunturas socioeconômicas, políticas e culturais, demandam pela organização e acesso à informação e estes como eixos principais. Nesse sentido, Macedo e Ortega (2019) afirmam que o acesso à informação exige a organização de ambientes específicos que possibilitem o uso qualificado da informação.

A busca pela garantia ao acesso público, junto a necessidade de preservação do patrimônio musealizado traz reflexão sobre a organização e representação das múltiplas informações do objeto museológico. Para Lima e Alvares (2012), Organização e Representação da Informação é a ênfase dada aos processos de organização, utilizando-se das representações das informações e dos conhecimentos contidos no objeto museológico, sendo assim, essas instituições possuem maneiras específicas de representar a informação.

Sob o viés da organização da informação, é necessário organizar a informação e representá-la para que, posteriormente, se consiga recuperá-la (Pinho; Nascimento; Melo, 2015). Dessa forma é fundamental um olhar quanto aos instrumentos que representam a informação. Para Moraes e Arcello (2000) as representações são instrumentos de ordenação

e hierarquização da estrutura social e identificam o grupo ou meio que as produziu ou que as consome. Assim, é possível afirmar que representar é criar estruturas para recuperar a informação de forma eficiente.

A representação da informação é parte de um processo essencial para o acesso e disseminação da mesma. Nos museus, a representação da informação pode estar em diferentes setores, como nas exposições e na documentação museológica, que tratam dos objetos, instrumentos de preservação e acesso à informação. Para que as instituições façam cumprir o papel de preservar, os instrumentos desempenham função primordial no processo de representar.

Neste contexto, apresenta-se aqui um levantamento bibliográfico acerca de estudos da Organização da Informação (OI) e Representação da Informação (RI) em um contexto museológico, com o objetivo de aprofundar a compreensão desta temática tanto a OI quanto a RI nesses espaços. Como está sendo dialogada no âmbito museológico a relação organização do conhecimento e da informação e Representação da informação?

Ciência da Informação: diálogos possíveis

O delinear da Ciência da Informação (CI), tem sido permeado por determinadas características e inquietações como a circulação de documentos e sua disseminação de maneira mais exequível. Existe uma preocupação com a relação homem face ao conhecimento, determinado entre quem disponibiliza e quem busca as informações (centrado no ser humano e na sociedade como um todo) (Shera, 1977). O armazenamento e recuperação da informação, ou fatos, por mais bem feitos e por mais precisos que sejam os mecanismos, não tem nenhum valor, se não são utilizados para o bem da humanidade, e é dessa utilização que o homem não ousa abdicar (Shera, 1977, p. 11).

Seguindo a mesma lógica de raciocínio, a CI é uma ciência social, pautada no fazer para a sociedade, de acordo com Wersig e Neveling (1975) a responsabilidade social da Ciência da Informação é assegurar para que as pessoas que necessitam de conhecimento em seu trabalho/atividade possam recebê-lo, independentemente de ter procurado ou não. Consiste especialmente aí a importância do fazer da CI, que desempenha papel relevante ao investigar o tratamento dos dados e sua conversão em informações úteis a quem procura/necessita.

Para Shera (1971), toda comunicação se concentra no conteúdo e em um determinado contexto. Para o autor, acontece um fracasso na compreensão do contexto informacional, quando não se procura compreender como o conhecimento é comunicado e qual impacto ele produz na sociedade. Partindo dessa compreensão há necessidade de organizar e representar para disponibilizar a quem necessite da informação.

Na CI, a representação da informação e do conhecimento está diretamente ligada com as formas de ressignificá-la. Nesta perspectiva diálogos são essenciais. Um deles tem sido com a Organização e Representação do Conhecimento, que abrange a organização e representação da informação. Neste sentido, Burke

(2003) distingue os dois termos informação e conhecimento, atribuindo as seguintes características para informação: o que é relativamente “cru”, específico e prático. O autor denota o conhecimento como aquilo que representa o que foi “cozido”, processado ou sistematizado pelo pensamento. Outro conceito é de Capurro e Hjørland (2003) onde relatam que o conceito de informação está diretamente relacionado ao que se deseja ser respondido, isto é, ao problema ou questão que a informação deve satisfazer.

Desta forma, a informação depende do contexto e das limitações da realidade. Assim, Bräscher e Café (2008) concluem que a informação está ligada a visões sobre o conhecimento ao mesmo tempo em que as influencia e modifica. Nesse sentido, a informação é vislumbrada como uma possibilidade de transformar estruturas do conhecimento e, portanto, o conhecimento pode ser visto como algo provisório e em permanente revisão.

A Organização da Informação compreende, também, a organização de um conjunto de objetos informacionais para arranjá-los sistematicamente em coleções, neste caso, temos a organização da informação em bibliotecas, museus, arquivos, tanto tradicionais quanto eletrônicos. Segundo Bräscher e Café (2008). Sendo assim, dois processos produzem, conseqüentemente, dois tipos distintos de representação: a representação da informação, compreendida como o conjunto de atributos que representa determinado objeto informacional e que é obtido pelos processos de descrição física e de conteúdo, e a representação do conhecimento, que se constitui numa estrutura conceitual que representa modelos de mundo, os quais, segundo Le Moigne (*apud* Campos, 2004, p. 23), permitem descrever e fornecer explicações sobre os fenômenos que observamos.

Na definição de Smiraglia (2001) a OC é a construção de ferramentas para o armazenamento e recuperação de entidades documentárias; ele ainda destaca que o objeto de estudo é o documento, no caso dos museus o objeto museológico. Já a OI é um processo de arranjo/classificação de acervos realizado por meio da descrição de assunto de seus objetos informacionais.

No contexto museológico observa-se que a maior uniformidade com o que se entende como RI na CI é o desenvolvimento da documentação museológica (Lemos, 2018). Isto porque é por meio deste procedimento técnico da museologia que as informações dos objetos são pesquisadas e descritas. Este processo pode ser a forma de representar a informação mais semelhante tanto na CI, quanto na Biblioteconomia e Arquivologia desde que guardadas as especificidades de cada uma.

A relação da RI com a documentação museológica se caracteriza como um dos procedimentos fundamentais no tratamento da informação nos museus, sendo tanto de caráter extrínseco como intrínseco, na visão de Mensch (1992), a representação dos objetos pode ser configurada em três dimensões: propriedades físicas do objeto (material, técnica e morfologia); função e significado (interpretação); e História (gênese, uso, fatores de deterioração e restauração). Para Padilha (2014) essa documentação possui essencialmente o objetivo de organizar e de possibilitar a recuperação da informação contida em seu acervo. Uma vez realizadas essas ações, os objetos e/ou as coleções museológicas

se tornam fonte de informação (para curadoria, pesquisa científica, ações culturais e educativas, publicações diversas, entre outras) que poderá produzir novos conhecimentos. Já de acordo com Ferrez (1994) a documentação museológica é um conjunto ordenado de informações dos objetos museais, onde ocorre a representação destes pela escrita e por imagens, também sendo um sistema de recuperação de informação para pesquisas e fontes de informação.

Nesse contexto, a Organização da Informação se estabelece por meio de processos que trabalham com a identificação, coleta e sistematização de informações sobre os documentos, a partir desse processo que se constitui a representação da informação. Nesse contexto Rowley (2002), destaca que a informação só é valiosa à medida que é estruturada. Se a informação não estiver devidamente organizada, ela pode não chegar ao usuário, tornando-se inútil.

Duas demandas ganham ênfase na atual sociedade da informação, a organização e a recuperação da informação registrada. Todavia, uma problemática persiste, a perda de informação/documento decorrente especialmente da falta de organização (física e intelectual) da informação. A este respeito Martins (1992, p. 25) assevera que “quando os documentos existem e são localizados, carecem de organização que facilite o acesso”, assim, entende-se que, normalmente, quando algo está organizado por extensão seu acesso é facilitado.

Nesse sentido, para Bräscher e Café (2008) a RI é um produto da OI, sendo um processo que procura descrever elementos informacionais que representam um documento. Para fomentar discussões entre a Ciência da Informação e a Museologia, Araújo (2014) pondera a Representação da Informação como um elo entre estas duas áreas. No mesmo contexto, o autor considera que, tanto no contexto geral da Ciência da Informação, quanto no contexto específico dos museus, é por meio da RI que se concebe a possibilidade de recuperação e o acesso das informações, contribuindo para a comunicação do objeto/documento com o usuário.

Para que esse objeto/documento ocupe um papel significativo no espaço museal, passa por diversos processos para se tornar parte de um acervo ou coleção. Para Ceravolo e Tálamo (2000) com o passar dos anos, a documentação assume um estatuto significativo no interior dos museus, quer como suporte para as atividades administrativas, quer como elemento de apoio para a pesquisa científica neles desenvolvidas.

Nessa conjuntura, a organização e recuperação envolvem: existência de políticas da organização, procedimentos de categorização, classificação, indexação, instrumentos de representação etc., todos permeados por aspectos socioeconômico, político e cultural. Souza (2017) confirma essa ideia ressaltando que o comprometimento em descrever um registro do conhecimento relacionando-o com o contexto social, e políticas internas da unidade de informação, no qual a sua mensagem irá circular é uma preocupação recorrente entre os profissionais que organizam a informação.

Especificamente na questão da organização da informação, na visão de Bräscher e Café (2008), este é um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos

informativos. Nesse processo descritivo existe um produto que é a representação da informação (RI), entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico. Esse produto se torna fundamental para a recuperação e o acesso à informação.

METODOLOGIA

Em uma pesquisa, o método concretiza-se como o conjunto das diversas etapas ou passos que devem ser seguidos para a sua realização (Cervo; Bervian; Silva, 2007). A pesquisa desenvolveu-se a partir da escolha de Anais de eventos e Bases de Dados que constituem as maiores indexadores de conteúdo científico acerca do tema deste trabalho, que são: Anais da International Society for Knowledge Organization - ISKO/Brasil, e os Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB. Além destes, foram feitas buscas por meio do Portal de Periódicos da CAPES, nas seguintes bases de dados: Lista, Scielo Brasil e Web of Science, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD; e a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – BRAPCI. A escolha desses canais de comunicação científica se deu por se constituírem fontes de maior produção científica no âmbito nacional, e com bases internacionais que pudessem revelar a produtividade tanto no âmbito da CI, na tentativa de englobar as principais publicações no campo da Organização da Informação no contexto museológico.

Dessa forma, este trabalho adotou como metodologia a Análise de Conteúdo de Bardin (2003), pois seus procedimentos permitem uma análise com base em inferências extraídas de conteúdos de documentos – a partir de uma interpretação controlada por meio de variáveis ou indicadores, que proporcionam maior liberdade ao analista, sem que se perca a objetividade da investigação, e por se tratar de uma análise pautada em definições concebidas por autores/pesquisadores, ou seja, argumentos registrados textualmente.

As etapas da técnica segundo Bardin (2006), consiste em tratar a informação a partir de um roteiro específico. Dessa forma, dividido em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

Sendo assim, na 1) Pré-análise, a primeira etapa consiste em i) leitura flutuante, ii) escolha dos documentos, iii) Formulação de hipóteses e do objetivo iv) preparação do material. Partiu de um levantamento total nas bases de dados e coleções completas dos anais citados, tomando por termos “Knowledge organization” and “Information Representation” e “Museum Collections” ou “Museum” (e variações do termo em português e espanhol). Realizou-se a leitura das comunicações que identificaram diálogos da Representação da Informação em acervos museológicos, selecionando comunicações por meio das palavras-chave, títulos e resumo, pois os trabalhos exploram características, conceitos, e instrumentos a respeito da Organização e Representação da informação nos museus.

Na escolha dos documentos, ou seja delimitação do corpus, prevê quatro regras básicas de acordo com Bardin (2003): exaustividade - na medida em que todas as definições

encontradas, quando da coleta de informações, foram consideradas materiais úteis à análise, selecionando o conteúdo a respeito de discursos da ORI em contexto museológico; representatividade - garantida pela escolha das bases de dados, pois os trabalhos publicados nos referidos canais são representativos no que diz respeito à produção científica no campo de estudo da Ciência da Informação; homogeneidade - pois as definições analisadas são relativas a um mesmo campo de estudo, assim, são homogêneos tanto na estrutura textual quanto no tema; e pertinência do material - as fontes são as ideias genuínas apresentadas pelos autores/pesquisadores em suas definições.

A fase (2) de exploração do material segundo Bardin (2003), consiste “nas operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”. Foram definidos os termos para busca, posteriormente com as bases de dados já definidas, tivemos os resultados quantitativos para cada uma delas de acordo com as estratégias previamente definidas: Anais da ISKO – 9 trabalhos, Anais do ENANCIB – 10 trabalhos, BDTD – 7 trabalhos, BRAPCI – 3 artigos, SCIELO BR– 3 artigos, WoS – 8 artigos, Lista – 4 trabalhos.

De acordo com o que foi apresentado acima, foram num total de 44 publicações recuperadas nos sete meios de comunicação propostos inicialmente, como anais e base de dados. Assim, após a busca nesse canal, as publicações recuperadas foram exportadas para a ferramenta *Mendeley Desktop* e então as referências passaram pelo processo de duplicidade e excluídas aquelas que estavam duplicadas, e também as que estavam sem título, após esse procedimento de exclusões, a quantidade de publicações que somaram para a análise, foi um total de 41 publicações.

A fase (3) abrange a sessão 4 – discussão dos resultados, pois se define como tratamento dos resultados obtidos e interpretação liga os resultados obtidos ao escopo teórico, e permite avançar para conclusões que levem ao avanço da pesquisa (Ramos; Salvi, 2009). A partir dessas observações, torna-se possível a construção de conceitos referenciados pelo consenso da comunidade pesquisadora do tema.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O intuito desta seção é propiciar uma aproximação entre os estudos da Organização e Representação da Informação nos Museus. É importante frisar que o referido trabalho não pretende buscar padrões para conceitos no contexto museológico acerca da organização da informação, não busca unanimidade, no entanto, ressalta concepções diante do assunto.

O escopo para a constituição do corpus de análise foi estabelecido pelos textos recuperados nas bases de dados já citadas anteriormente. Entraram definitivamente na análise apresentada a seguir somente os textos que em algum momento se referem aos aspectos relativos às discussões do tema deste trabalho, que totalizaram 41 trabalhos.

Para o objetivo deste trabalho, foi proposto primeiramente observar como os autores retratam OI e RI em diálogos com acervos museológicos. Em meio às análises, constatou-se que somaram 41 trabalhos, conforme mostra a **TABELA 1**.

TABELA 1 – Autoria e Anais e bases de dados recuperados

Base de Dados e Anais	Autoria de trabalhos recuperados
BRAPCI	LEMONS, KARPINSKI (2018); BRITTO, LARA (2017); MAIMONE (2018)
BDTD	SILVA (2011); SAMPAIO (2011); BARBANTI (2015); HIGASHI (2018); MAIMONE (2013); PADILHA (2018); YASSUDA (2009)
BENANCIB	PIQUET, COUTO, PIRES (2015); MORAES (2015); PADILHA, CAFÉ (2016); BALLESTÉ, ALMEIDA (2014); MURGUIA, GRIGOLETO (2013) ROCHA, MOURA (2014); PADILHA, CAFÉ, (2017)
ISKO BR	MARTINS, AZEVEDO NETTO (2012); MAIMONE, TÁLAMO (2013); SOUZA, (2015); NININ, SIMIONATO (2017); SILVA (2017); LIMA, COSTA, GUIMARÃES (2017); LIMA, VITORIANO, BARBANTI (2017) GUIMARÃES, SANTOS, SALES, MATOS (2015) SALES (2015)
LISTA	MARTY (2007) DUARTE, BELARDE-LEWIS (2015) RIBES, BOWKER (2009); SAMPAIO (2012)
WoS	MARTY (2007) BASSIER, VINCKE, HERNANDEZ (2018) CHEN, HUANG, BART JR (2006) MAIMONE, TALAMO, (2009); ALWI (2012) BOGOMAZOVA, MALEVANOV (2000) KAUR (2018) KOZUN, YALOVITSYNA, VOLOKHOVA (2018)
SCIELO BR	TEIXEIRA (2014); SANTOS NETTO, <i>et. al.</i> (2013); MAIMONE (2017)

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para a classificação dos dados levantados, Bardin (2003) sugere o processo de categorização, que consiste no agrupamento em classes dos elementos convergentes em suas características. As categorias definidas foram: 1) Que dialogam a OI e RI; 2) Que dialogam Museus, ou acervos museológicos; 3) Diálogos entre OI e RI em contexto museológico. A primeira categoria foi definida com trabalhos que possuem como foco, processos que se dialogam OI e RI, aplicados a seleção desta pesquisa os títulos, resumos e palavras-chave. A segunda categoria foi definida por possuir termos que poderiam evidenciar diálogos acerca de museus, ou até acervos museológicos. Por fim, o último grupo foi definido em função de trabalhos que houvesse diálogos possíveis entre a OI e a RI em contexto museológico.

Na tabela abaixo, segue a discriminação de acordo com as categorias anteriormente apresentadas.

TABELA 2 – quantidade de trabalhos com categoria especificada.

Categoria	Quantidade
DIALOGAM OI E RI	16
DIALOGAM ACERCA DE MUSEUS, E ACERVOS E MUSEOLOGIA	14
DIÁLOGOS ENTRE A OI E RI EM CONTEXTOS MUSEOLÓGICOS	11

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Considerou-se mostrar na tabela a seguir já que se trata do objetivo principal desse trabalho, mostrar os trabalhos que dialogam o tema, no quadro abaixo segue o título com a sua referida autoria.

TABELA 3 – Trabalhos que ressaltam a OI e RI no contexto museológico

Título	Autoria
Coleção Paranaguá: documentação museológica como acesso ao conhecimento	ROCHA, L. M. G. M.; MOURA, P. (2017)
Curadoria e ação interdisciplinar em museus: a dimensão comunicacional e informacional de exposições	MORAES, J. N. L. (2011)
Museu Bauru e informação: trajetória histórica e musealização sob o foco da documentação museológica.	LIMA, D. F. C.; NOVAES, R. S. (2013)
O documento e seu valor patrimonial. Os processos de tombamento do Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes”	GRIGOLETO, M. C.; MURGUIA, E. I. (2013)
CI e Museologia: Análise das comunicações orais do ENANCIB sobre RI	LEMOS, L. H.; KARPINSKI, C. (2018)
A representação do objeto museológico na época de sua reprodutibilidade digital.	PADILHA, R. C. (2018)
Representação da informação e preservação da memória: Mapeamento conceitual do patrimônio imaterial brasileiro	MARTINS, G. K.; AZEVEDO NETTO, C. X. (2012)
Organização da informação em acervo de museu: a fotografia histórica	PADILHA, R. C.; CAFÉ, L. M. A. (2017)
Reflexões sobre museologia: documentação em museus ou museológicas?	CARVALHO, L. C.; SCHEINER, T. (2014)
Vozes do silêncio: memória, representações e identidades no Museu do Ceará.	SAMPAIO, D. A. (2012)

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Após identificar os textos que focam mais especificamente o diálogo da Organização e representação da informação nos museus, foi possível inferir quais os subtemas que estão sendo mais discutidos nestes textos, sendo que em alguns trabalhos conseguem explorar dois temas ou mais. Como está mostrado na tabela abaixo:

TABELA 4 – subtemas mais evidentes nos trabalhos.

Subtema	Quantidade
Organização da Informação	3
Representação da Informação	2
Documentação Museológica	3
Patrimônio Cultural	2
Exposições	1

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

De acordo com as categorias desse trabalho, foi observado que existem trabalhos que estabelecem diálogos da OI e RI em contexto museológico. Outra observação identificada ao longo das pesquisas foi acerca da possibilidade de explorar mais o tema, pois mesmo que tenham trabalhos, de acordo como Lemos e Karpinski (2018), é primordial a elaboração de pesquisas futuras para entender como a RI está presente em museus, e de que forma a CI auxilia a Museologia, na OI. Ou seja, o diálogo interdisciplinar é fundamental ao cooperarem entre si com horizontalidade do diálogo há melhorias de aspectos comuns. Mas, alguns trabalhos, mesmo que tratem do tema, não o exploram tanto, ou até mesmo não nomeiam a representação da informação como parte integrante do processo de tratamento da informação, apenas citam em outros contextos.

Observa-se que dos trabalhos analisados como aqueles que mostram diálogo da OI e RI nos museus, trata de forma elementar as observações a respeito da RI, ou trata o processo de RI como sendo a própria documentação museológica, forma que é tratada principalmente nos museus.

Os trabalhos relativos a exposições tratam especificamente da recuperação da informação, e nos processos desenvolvidos para apresentar essa informação, ou seja, a comunicação com o (s) público (s), pensando naquilo que o objeto vai comunicar, e como o público vai receber. Sobre o tema de patrimônio, a linha de diálogo caminha por considerar segundo Higashi (2018), patrimônio cultural como diversos elementos categorizados em material e imaterial, ou seja, tudo o que tem relação com o modo de fazer das pessoas, as técnicas e habilidades e o segundo os produtos da criação humana, como artefatos, objetos e construções. Um dos objetivos da preservação do patrimônio é de manter a memória, onde a representação da informação se torna fundamental para garantir o acesso.

Já os trabalhos que têm a documentação museológica como tema principal são voltados principalmente à importância desta para o fazer museológico, e para o desenvolvimento de qualquer atividade dentro do museu. Neste contexto, salienta ainda que um dos principais objetivos da documentação museológica é a organização e representação do conhecimento e da informação do acervo museológico a fim de realizar o tratamento e facilitar a recuperação desses pelos públicos, pesquisadores especializados e pelos funcionários dos museus (Padilha, 2018). Segundo dados do IBRAM (2011), apenas 21,3% dos museus possuíam registro dos bens culturais. Esta premissa revela o fato que mais de 75% dos museus não sabem o número exato de objetos de suas instituições, o que mudaria esta situação se a documentação museológica tivesse sido instituída nos museus.

Tratar de um possível diálogo da Organização e Representação da Informação nos Museus, mostra a preocupação em explorar um assunto pouco expressivo nos anais de evento e nas bases de dados de eventos, se relacionado com outros temas mais recorrentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a proposta deste trabalho foi possível observar nas publicações e identificar diálogos entre a OI e RI voltados ao acervo museológico. Foram analisadas sete incluindo Anais de eventos e bases de dados: Anais do ENANCIB e ISKO-BR, LISTA, WoS, Scielo BR, BRAPCI, e BDTD, estas foram escolhidas por representarem uma parte considerável de pesquisas e relevantes ao tema deste trabalho. Foi verificado que a partir dos títulos, resumos e palavras-chave quais tinham relação com a OI em museus. Como resultado tivemos 41 papers que consideram ou mencionam as formas de RI, parte do processo museológico.

De um total de 41 trabalhos, 11 deles discutem a OI e RI no contexto museológico, embora possa ser considerado um número relevante, comparado ao resultado da busca, ainda sim, a ampliação de pesquisas nos campos de CI e Museologia podem agregar experiências, para compreender e melhorar os instrumentos de RI nos museus, destacando principalmente as formas de organização da informação nas instituições museológicas.

Observou-se discussões que sugerem uma análise da construção e a relação dos conceitos de memória, representação da informação e identidade cultural e a interdisciplinaridade entre Museologia e Ciência da Informação, a partir dos seus pressupostos e paradigmas epistemológicos.

O diálogo entre a OC e RI para o acesso à informação nas instituições museológicas, facilita tanto o acesso à informação do público que acessa esses locais, quanto para os profissionais que têm contato direto com a documentação museológica. E como resultado, corrobora para o desenvolvimento deste fazer, que é uma das formas de disseminação da informação. Para que, cada vez mais acervos documentais, estejam organizados, identificados/representados, disseminados e acessados.

Ressalta-se que o acesso à informação é uma das formas de democratização do saber, pois torna possível pesquisas, mostrando as potencialidades dos museus como

espaços que promovem o desenvolvimento e transformação do patrimônio em herança cultural, proporcionando informações mais concisas e precisas, economizando tempo e comunicando de forma adequada seu público.

Ainda é importante destacar que a exploração da RI como parte do processo de tratamento da documentação museológica, ainda está uma discussão elementar nas publicações pesquisadas que abordam documentação museológica, sendo assim, evidencia a possibilidade de exploração mais eficaz dos instrumentos de RI nos museus. Há necessidade de busca dos campos da Museologia e CI, no sentido de fomentar pesquisas que ressaltem essa temática, acarretando em melhorias tanto para os processos museológicos, quanto para o acesso de conteúdos por parte do pesquisador. Portanto, contribui para o desenvolvimento de ambas as áreas, e principalmente de aspectos de ordem social e cultural.

Os resultados dessa pesquisa indicam a afirmativa de que o diálogo entre Museologia e Ciência da Informação é contributiva para ambas, um cenário benéfico para o tratamento da informação, e assim facilitadora do acesso e comunicação nesses campos, a fim de possibilitar maior produção de conhecimento em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão e Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006. 225 p.

BATES, M. Information: the last variable. *In*: Proceedings of the 50th ASIS Annual Meeting, 50., 1987, Boston. Massachusetts. **Anais** [...]. Boston. Massachusetts: American Society for Information Science, 1987, p. 6-10.

BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3016/2142>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 241 p.

CAMPOS, M. L. A. Modelização de domínios de conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 22-32, jan./abr. 2004.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. The concept of information. **Annual Review of Information Science & Technology**, v. 37, n. 1, p. 343-411, 2003.

CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. G. M. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, [s. l.], n. 10, p. 241-253, 2000.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Universidades, 2006. 162 p.

FERREZ, H. D.; Documentação museológica: teoria para uma boa prática. *In*: **Cadernos de Ensaio**. Estudos de Museologia. n. 2, Rio de Janeiro: Minc/IPHAN, p. 65-74, 1994.

HIGASHI, A. K. **Acervo de fotografos como patrimônio cultural**: organização de documentos de Luiz Germano Gieseler no Museu Antropológico Diretor Pestana. 2018. Dissertação – Programa de Pós-graduação em patrimônio cultural. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. p. 80

LEMOS, L. H.; KARPINSKI, C. CI e museologia: análise das comunicações orais do ENANCIB sobre RI *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 19., 2018, Paraná. **Anais** [...]. Londrina: ENANCIB, 2018. p. 5583-5597. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102440>. Acesso em: 20 out. 2020.

LEMOS, L. H.; **A representação da Informação em Ecomuseus**. Orientador: Cezar Karpinski. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. *In: ALVARES, L. (org.). Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações*. São Paulo: B4 Editores, 2012. p. 21-34.

MACEDO, S. M. S.; ORTEGA, C. D. Unidades de informação: termos e características para uma diversidade de ambientes de informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 326-347, 2019. DOI: 10.19132/1808-5245252.326-347.

MARTINS, R. A. O sistema de arquivos da universidade e a memória científica. *In: Anais do I Seminário Nacional de Arquivos Universitários*, 1., 1992, São Paulo. **Anais** [...] Campinas: UNICAMP, 1992. p. 27-48.

MENSCH, P. Museology and the object as data carrier. *In: MENSCH, P. Object, museum, Museology, an eternal triangle*. Leiden: Reinwardt Academy. Reinwardt Cahiers, 1992.

MORAES, A. F. de; ARCELLO, E. N. O conhecimento e sua representação. **Informação & Sociedade: estudos**, [s. l.], v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/328>. Acesso em: 14 jan. 2021

PADILHA, R. C. **A representação do objeto museológico na época de sua reprodutibilidade digital**. Orientador: Lígia Maria Arruda Café. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2018. 256 p.

PADILHA, R. C.; CAFÉ, L.; SILVA, E. L. O papel das instituições museológicas na sociedade da informação/ conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 2, p. 68-82, abr./jun. 2014

PINHO, F. A.; NASCIMENTO, B. L. C.; MELO, W. L. As dimensões ôntica, epistêmica e documental na representação da informação e do conhecimento. **Revista ACB**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 112–123, 2015. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/995>. Acesso em: 15 jan. 2021.

RAMOS, R. C. S. S.; SALVI, R. F. Análise de conteúdo e análise do discurso em educação matemática – um olhar sobre a produção em periódicos qualis A1 e A2. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO*, 4., 2009, **Anais** [...] Brasília, Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2009, p. 1-20.

ROWLEY, J. **A biblioteca eletrônica**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2002. 399 p. ISBN: 85-85637-20-X.

ROWLEY, J. **A biblioteca eletrônica**. São Paulo: Briquet de Lemos, 2002.

SOUZA, E. G. As teorias documentárias e a Organização da Informação: a centralidade das categorias obra e usuário. *In: PINHO, F. A.; GUIMARÃES, J. A. C. (org.). Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento*. Recife: EdUFPE, 2017. p. 26-33.

SHERA, J. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977.

SHERA, J. H. The sociological relationships of information science. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 76-80, mar. 1971.

SMIRAGLIA, R. P. Musical Works as information retrieval entities: epistemological perspectives. **Proceedings of the Second International Conference on Music Information Retrieval**. Indiana: Bloomington, 2001.

SMIT, J. W. A informação na Ciência da Informação. **In CID: revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 3, n. 2, p. 84-101, 2012.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The information scientist**, v. 9, n. 4, p. 127-140, dec. 1975.